

PESQUISA NA ESCOLA BÁSICA: possibilidades do cotidiano escolar

Adelmar Santos de Araújo

A pesquisa, em primeiro lugar, não é privilégio de cientistas e/ou universitários – ao menos não deveria. A pesquisa deve ser entendida como um processo contínuo iniciado na escola básica. Contudo, os limites e estágios devem ser respeitados, mesmo porque seria incoerente cobrar de um aluno do ensino fundamental a técnica de um cientista. Mas isso não impede que o jovem aprendiz obtenha noções básicas de pesquisa já nos anos iniciais de sua escolarização; nada o impede de aprender a diferença entre copiar e pesquisar; ele pode tranquilamente ser informado que a cópia, seja ela através de resumos ou fichamentos, é parte da pesquisa, mas não um fim; um texto encontrado na internet, por exemplo, é material de pesquisa desde que trabalhado com uma finalidade específica, respeitando os direitos autorais, no sentido de extrair dali as informações necessárias e desejadas para construir um novo conhecimento, ainda que esse novo seja apenas uma maneira particular de olhar e discutir o já conhecido por muitos.

Do ponto de vista da história, sabemos que as respostas para as questões históricas nem sempre são as mesmas ou parecidas. As pessoas tem experiências e visões de mundo diferente. Nessa perspectiva, o trabalho docente ganha proporções e horizontes ampliados, flexibilidade na transmissão dos conteúdos e democratização na construção do saber. O aluno não é uma tábua rasa nem o professor um poço de sapiência.

O cotidiano escolar traz consigo múltiplas possibilidades para o ensinar e o aprender mútuos. Certamente o caminho da pesquisa, embora seja sinuoso, não deve ser abandonado. Ora, a pesquisa, de modo mais amplo, é um conjunto de realizações voltadas para a busca de um determinado conhecimento, mas, para que ela receba o qualitativo de *científica*, deve ser feita de maneira sistematizada, com a utilização de um método, fator determinante para distinguir a pesquisa científica de outra modalidade qualquer de pesquisa (RUDIO, 1985, p. 9).

Parte-se, portanto, do pressuposto de que são vários os pontos de partida de um trabalho de pesquisa e que a sala de aula, o espaço escolar como um todo e a continuação da aula que professores e alunos levam para casa proporcionam revelar as contradições entre o saber especializado e o saber cotidiano, mas também podem desvendar o seu ponto de encontro.

Nessa perspectiva, é necessário e possível despertar no aluno o interesse pela pesquisa já nos anos iniciais da escola básica. É imprescindível construir a cultura da pesquisa e, nesse processo, cabe buscar o que é indissociável entre pesquisa e cultura. Trata-se de uma relação dialética na qual a escola recebe o aluno e respeita os conhecimentos trazidos por ele, prepara-o para identificar os conhecimentos especializados com os conhecimentos do cotidiano e relacioná-los, e juntos (professores e alunos) trabalharão para construir conhecimentos novos.

A herança cultural, ou, nos dizeres de Pierre Bourdieu, o *habitus* adquirido vai “determinar” o comportamento do aluno na hora do recreio, na escolha da turma. As atividades diferenciadas, como laboratório de informática ou filmes de cunho pedagógico demonstram isso claramente. É verdade que o adolescente é impaciente por natureza, sente necessidade de movimentar-se o tempo todo, mas os que receberam uma educação diferenciada em casa tornam isso explícito através do seu comportamento na escola. Basta ver, por exemplo, a experiência de passar um filme. Por mais que o filme não esteja agradando, alguns alunos conseguem abstrair as explicações prévias do

professor e relacionar as imagens e o conjunto do filme ao conteúdo trabalhado em sala e ao próprio movimento da história enquanto outros não, seja por indisciplina ou porque não foi educado o suficiente para enfrentar situações como essas.

“Eu estava pensando em trabalhar um filme, mas agora que vi como eles se comportam na sala de vídeo... desisti”, essa foi a reação de uma jovem professora em início de carreira quando presenciou uma atividade que realizamos com alunos do 7º ano de um colégio estadual em Goiânia-Goiás. Uns poucos que não gostaram do filme bastaram para agitar a turma e desestabilizar a atividade pedagógica. Infelizmente ainda predomina na mentalidade, sobretudo de alunos do ensino fundamental, a associação filme e lazer.

Por esse e por outros motivos, o trabalho do educador deve ser desenvolvido com perspicácia e insistência, pois, como bem sabemos, tem realizações que se nós não fizermos ninguém mais as fará, pelo menos do ponto de vista pedagógico da escola no trato com o contato, a transmissão e a produção de conhecimentos.

Nesse ponto ecoam-se algumas vozes para dizer que a escola está saturada, ultrapassada, arcaica. É verdade que a escola precisa adequar-se à nova realidade. Mas o que significa necessariamente esse “adequar-se”? Como elencar as mudanças ocorridas na sociedade de um modo geral e que não chegaram até o chão da escola? Em primeiro lugar é fundamental não esquecer que a escola não é algo fora da sociedade. Nessa perspectiva somos levados a um raciocínio lógico, qual seja, se a sociedade muda a escola deveria acompanhar tais mudanças. Porém, há uma ilusão: o mundo da tecnologia e da informação tem avançado de forma estrondosa, sobretudo nas últimas décadas. Programas de computador de última geração e a internet tem acelerado a propagação do conhecimento, o que tem feito com que a escola busque se equipar, montar laboratórios de informática e outras mídias. A questão passa por saber como as inovações tecnológicas estão sendo trabalhadas na escola, pois jogos eletrônicos, computador e internet não é mais novidade para muita gente. Assim torna-se insustentável a tese de que para ser atraente a escola precisa ter computador com internet, dentre outros recursos. O que importa é a qualidade como se manuseia as ferramentas. E clara deve estar a finalidade para a qual se utiliza determinado meio.

Na verdade o que a escola mais necessita é de professores orientadores que não abrem mão de seu papel fundamental: orientar a aprendizagem de seus alunos, “mostrar os caminhos, mas também *orientar* o aluno para que desenvolva um olhar crítico que lhe permita desviar-se das ‘bombas’ e reconhecer, em meio ao labirinto, as trilhas que conduzem às verdadeiras fontes de informação e conhecimento.” (BAGNO, 2008, p. 15)

Sonhamos com uma escola de boa estrutura, com amplo espaço para atividades recreativas, com quadra, biblioteca com excelente acervo bibliográfico, recursos de última geração. Mas às vezes estamos mais preocupados com nossa comodidade enquanto professores do que com o processo de aprendizagem dos alunos. Às vezes cobramos trabalho de pesquisa sem ao menos refletirmos sobre o assunto, sobre o que vem a ser a pesquisa, o significado da palavra e no que ela implica.

Como é fácil perceber, a pesquisa é, mesmo, uma coisa muito séria. Não podemos tratá-la com indiferença, menosprezo ou pouco caso na escola. Se quisermos que nossos alunos tenham algum sucesso na sua atividade futura – seja ela de qual tipo for: científica, artística, comercial, industrial, técnica, religiosa, intelectual... -, é fundamental e indispensável que aprendam a pesquisar. E só aprenderão a pesquisar se os professores souberem ensinar. (BAGNO, 2008, p. 21)

Certamente não há maneira melhor de aprender a pesquisar senão pesquisando. O professor é um agente social. O aluno também. Ambos se movimentam na prática em meio a múltiplas relações num contexto “sociocultural e profissional”. As relações de troca são importantes e negá-las significa limitar olhares e perspectivas, significa, portanto, negar a autonomia. Pensar na autonomia é pensar no espaço tempo da possibilidade da construção coletiva de saberes; reinventar quadro e situações; ressignificar palavras, coisas e práticas. Isto tem a ver com o trabalho cotidiano do professor, que lida consciente ou inconscientemente com o complexo.

A sala de aula é um espaço complexo e, por sua vez, não está desvinculada da complexidade planetária. Os seres humanos, no interior de cada nação, também se identificam e se organizam em torno de um idioma. E não interessa que idioma seja este, o que importa, conforme Roland Barthes, é que os homens “tenham várias línguas” e que estas sejam respeitadas. Esta compreensão na sala de aula é fundamental para que o coletivo consiga encontrar o seu caminho e atingir seus objetivos. Que seja, portanto, uma construção da inteligência na qual o professor, que é quem está mais preparado no momento, conduza democrático e abertamente o processo de ensino, aprendizagem e pesquisa. Desse modo evitaremos seguir, conforme Demo (2003) posições de professores que se prendem a uma educação de simples repasse, realizando uma transmissão de cópia.

Trabalhar com a pesquisa na escola significa romper com a simples transmissão de conteúdos. É fundamental que o professor trabalhe com a perspectiva do ensinar a aprender. “Ensinar a aprender é criar possibilidades para que uma criança chegue sozinha às fontes de conhecimento que estão à sua disposição na sociedade” (BAGNO, 2008, p.14).

Desenvolver a pesquisa na escola é gratificante, sobretudo porque se tem a oportunidade de mostrar aos alunos que existe na escola o anseio de acompanhar as transformações que estão ocorrendo dentro e fora da sala de aula. O aluno se sente valorizado e compreende que no processo ensino aprendizagem não age como mero receptor, mas trabalha com a certeza de está contribuindo com a produção de conhecimento.

Referências

- BAGNO, Marcos. *O que é pesquisa. Como é e como se faz*, 22 ed., São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- BARTHES, Roland. *Aula*, tradução: Leila Perrone-Moisés, São Paulo: Editora Cultrix, 1996.
- DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.
- MOREIRA, Herivelto. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- RUDIO, Franz Victor. *Introdução ao projeto de pesquisa*, 10 ed., Petrópolis-RJ: Vozes, 1985.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*, 23 ed., São Paulo: Cortez, 2007.